

A PRÁTICA MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL ENQUANTO MEIO DE APRENDIZADO E EXPRESSÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Marisa Pinheiro Mourão*
Lázara Cristina Silva**

RESUMO: A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar sensações, sentimentos e pensamentos. Ela está presente em todas as culturas, no cotidiano das pessoas, e é capaz de integrar aspectos afetivos, lingüísticos e cognitivos, além de possibilitar a interação social. A música é um importante meio de comunicação e expressão existente em nossa vida e por isso faz parte do contexto educacional, particularmente, na Educação Infantil. Trabalhá-la no cotidiano escolar significa ampliar a variedade de linguagens e permitir a descoberta de novos caminhos de aprendizagem, é antes de tudo um fazer artístico, é trabalhar com a sensibilidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: música. Educação Infantil. Linguagem. Expressão.

ABSTRACT: The music is the language that translates itself in sound forms capable of expressing and communicating sensations, feelings and thoughts. It is present in all cultures and in our everyday life. Being able of integrating sensitive, affectionate, linguistic and cognitive aspects, the music makes social interaction possible. It is an important way of human expression and communication, thus, it must be present in an education context, particularly in children's education.

KEYWORDS: music. Children education. Language. Expression.

* Graduada em Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia – marisapmourao@yahoo.com.br

** Professora Mestre da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia – lazara@ufu.br

I. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende abordar a importância da música na Educação Infantil, considerando a forte repercussão que as habilidades musicais têm sobre a identidade das pessoas, sobre a sua auto-estima, expressividade, socialização, capacidade inventiva, raciocínio e percepção sonora.

A música está presente na vida das pessoas desde muito cedo visto que o ser humano nasce num mundo rodeado de sons sendo que a qualidade e a quantidade de sons dependerão do ambiente em que esse vive. O poder da música na humanidade é objeto de estudo de vários pesquisadores que procuraram comprovar os benefícios trazidos por ela na busca de uma vida melhor. Em toda a história a música esteve presente como forma de expressão, comunicação, protestos, festividades e cultura.

Nesse contexto, a criança entra em contato com a atividade musical desde muito cedo, pois esta já faz parte de sua vida. Por meio dela, a criança canta e faz uma leitura do mundo, utilizando a linguagem verbal e corporal, apresentando, assim, seus diferentes modos de perceber o ambiente em que se desenvolve.

Desta forma, percebe-se que a música contribui para o equilíbrio, expressão, enriquecimento educacional, socialização e desenvolvimento cognitivo das pessoas. A atividade didático-musical permite perceber muitos aspectos emocionais e intelectuais das crianças, uma vez que ao se expressarem de forma oral e corporal, elas se sentem livres e desinibidas, deixando transparecer suas emoções, sensações e fantasias. Por meio da música, as crianças se comunicam com o mundo demonstrando seus diferentes modos de perceber, sentir e agir. Portanto, a música é uma ferramenta fundamental de avaliação e procedimento do professor para um melhor conhecimento do seu aluno.

A partir dos estudos atuais sobre o tema e da proposta do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), procurou-se fazer uma análise de como a música pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo das crianças, possibilitando-lhes autonomia e expressividade. “Aprender música significa integrar experiências que envolvam a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando as crianças para níveis cada vez mais elaborados” (RCNEI, 1998, v. 3, p. 48).

II. A MÚSICA E SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

SCHAFER (1991) narra em seu livro “O Ouvido Pensante” uma recordação de seus alunos de música. Ele os questionava, perguntando-lhes: “O que é música? Afinal estudam há tanto tempo e não têm uma definição...” Hesitantes no começo respondiam:

- _Música é alguma coisa que você gosta!
- _Música é o som organizado com ritmo e melodia!
- _Música é um som agradável aos ouvidos!
- _Música é arte!
- _Música é uma atividade cultural relativa ao som! (SCHAFER, 1991, p. 25).

Depois de várias reflexões, elaboraram um conceito de música muito pessoal, ligado ao que se gosta; neste sentido, do que um sujeito não gosta não seria música? Por exemplo, o samba, entre outros estilos musicais não seriam música? Então, após muitas considerações, descobriram que vários sons são música ou podem ser transformados nela. E, unindo todas as definições, chegaram a um conceito: “música é uma organização de sons (ritmo, melodia, etc.) com intenção de ser ouvida”. (SCHAFER, 1991, p. 35).

Entretanto, o conceito de música também precisa agregar outros sentidos. Desta forma, segundo RUDD (1991), a música precisa ser considerada como um meio de comunicação, e, como na maioria das manifestações artísticas, as emoções, assim como os conceitos de caráter estético, ritualístico ou simbólico, podem ser expressas, freqüentemente, de maneira mais direta do que por meio do código verbal, desde que os meios de expressão sejam percebidos e evoquem impressões e suas ressonâncias de comunicação próprias do ouvinte.

III. A MÚSICA ENQUANTO INSTRUMENTO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA

Propõe-se analisar o tema em um contexto no qual as crianças possam desenvolver a sensibilidade, o raciocínio lógico e a expressão corporal, refletindo a música como produto cultural do ser humano, pois a sua utilização na Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento e a formação das crianças como sujeitos produtores e reprodutores de cul-

tura, servindo de suporte para atender a vários propósitos, desde o desenvolvimento da criatividade e da expressividade até a aquisição de conhecimentos diversos.

Os estudos sobre a prática musical como os de ROSA (1990), SOUZA (2000) e o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil – RCNEI, v. 3 (1998), dentre outros, apresentam a música como um rico instrumento pedagógico para se explorar os conteúdos curriculares. O trabalho com a música na Educação Infantil pode contribuir para fortalecer a auto-estima, a socialização, o desenvolvimento do gosto e a formação da cultura. Percebe-se, assim, a unanimidade em afirmar que as crianças expostas a um ambiente musicalmente rico se desenvolvem mais rapidamente do que aquelas que não têm um ambiente favorável nesse sentido.

Por isso, as ações do professor podem ser pensadas no sentido de se criarem situações de aprendizagem nas quais as crianças possam estar em contato com uma grande variedade de produções musicais, não apenas vinculadas ao seu ambiente sonoro, mas, se possível, também de origens diversas. É possível que esse ambiente desperte nos alunos formas diferenciadas de conhecer, interpretar e sentir através da música; isso tudo vai depender da criatividade do professor ao elaborar as atividades musicais, considerando a necessidade de valorizar os conteúdos e trabalhá-los de forma atrativa e prazerosa.

De acordo com o RCNEI, v. 3 (1998), para se repensar e integrar a música na Educação Infantil, é necessária a existência de um educador com capacidade para assumir uma postura de disponibilidade com essa forma de linguagem, entendendo e respeitando o modo como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, fornecendo-lhes os meios necessários para o desenvolvimento de sua capacidade expressiva. Para isso, é preciso que estejam em um ambiente afetivo no qual o educador esteja atento às suas necessidades, comunicando-se e brincando com elas, fazendo com que a música cumpra o seu papel de facilitadora de aprendizado e geradora de conhecimentos diversos.

IV. A MÚSICA ENQUANTO FAZER CRIATIVO

Com base nos estudos de ROSA (1990) e no RCNEI, v. 3 (1998), pode-se analisar o que, como e porquê é importante trabalhar a música na Educação Infantil.

A expressão musical das crianças de zero a três anos é caracterizada

com ênfase nos aspectos intuitivos e pela exploração sensório-motora; as crianças integram a música às demais brincadeiras e cantam enquanto brincam. A partir dos três anos, ela memoriza um repertório maior de canções e, aos poucos, começa a cantar com maior entoação e a reproduzir ritmos. Nesta fase, o educador pode explorar a expressão, a produção de sons com a voz, a expressividade através do corpo e a socialização no trabalho grupal.

A partir dos quatro anos, os conteúdos podem ser tratados em contextos que incluem reflexão e elementos da linguagem musical: altura, duração, intensidade e timbre, além da participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e a utilização de um repertório que abranja a memória. O ideal seria que os educadores tivessem uma noção musical para trabalhar com maior segurança os conceitos musicais.

As noções de ritmo estão presentes em situações do cotidiano e o educador pode ensinar à criança, de maneira simples, utilizando os batimentos cardíacos, antes e depois de uma brincadeira, o pulsar, o tique-taque do relógio, etc.

Escutar os sons permite que a criança observe e identifique os sons conhecidos e os sons desconhecidos, além de desenvolver a percepção sonora, identificando os sons (de animais, instrumentos, objetos e deles próprios). A utilização de um aparelho de som nas aulas de música para gravar a produção musical das crianças apresenta-se como um rico instrumento didático, contribuindo para que elas aprendam a ouvir e analisar os sons que produziram. Assim, ao ouvir suas produções, as crianças podem perceber detalhes: se gritaram ou se cantaram, se a gravação ficou boa ou ruim e o próprio som da sua voz, o qual as deslumbra na maioria das vezes.

Nos momentos em que a música é ensinada, o educador precisa procurar não se colocar na posição de “detentor do conhecimento”, mas sim deve encurtar a distância entre ele e as crianças, para que estas se expressem espontaneamente. Para isso, é imprescindível não exigir que as crianças acertem sempre, mas aceitar seus erros com compreensão.

A prática musical pode ajudar a criança a desenvolver a coordenação motora e toda a psicomotricidade, sendo que no seu decorrer podem ser utilizados instrumentos, brinquedos, coreografias e simples movimentos que fazem a criança por seu corpo em ação. Isso contribui para o desenvolvimento da captação visual e auditiva, para a memorização, raciocínio, desenvolvimento lingüístico e para a expressão corporal e afetiva.

Como música não é só cantar, o manuseio de objetos sonoros pode

criar situações em que seja possível agrupar ou separar os sons e classificá-los e seriá-los, e além disso, as crianças podem perceber que a música está em todos os lugares e pode ser produzida de diferentes maneiras.

Algumas ilustrações sobre a música como tipo de instrumentos, compositores e estilos musicais, podem facilitar ainda mais o conhecimento do aluno, além de lhe despertar o interesse. Para uma aprendizagem eficiente, não basta dispor de vários recursos, mas buscar a sua utilização aliada a uma metodologia adequada para explorar cada modalidade de conhecimento; tudo dependerá da disponibilidade e imaginação do educador.

Pode-se propiciar ao máximo o contato e experiências com a matéria-prima da linguagem musical, desenvolvendo nas crianças o gosto pela música e aproximando-as dos valores musicais de sua cultura. Além, claro, de ser possível trabalhar a aquisição de saberes a partir de letras de músicas significativas, considerando os aspectos lúdicos da relação ensino-aprendizagem.

V. PRÁTICA MUSICAL: BANALIZAÇÃO OU APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA?

A música não ocupa lugar de destaque na escola e a forma como tem sido utilizada ao longo do tempo nas instituições de Educação Infantil tem gerado uma problemática em torno de seu valor e significado para a criança, uma vez que tem sido trabalhada de forma mecânica e repetitiva, deixando, portanto, de se constituir em uma atividade espontânea, prazerosa e enriquecedora. Isso ocorre porque a importância da criação e da expressão é desconsiderada.

A maioria das escolas explora ou ensina os conteúdos sem a devida reflexão, sugerindo uma padronização de ações, a qual já determina o que os alunos devem fazer e pensar, num modelo único e eficiente. As atividades musicais, muitas vezes, são aprendidas e multiplicadas tradicionalmente, sem que haja uma reflexão sobre seus reais objetivos, enquanto que os conhecimentos novos são cada vez mais ignorados. Os temas do cotidiano das crianças são pouco explorados. Dentro da sala de aula, as crianças parecem desconectadas, isoladas dos sons ambientais, com referenciais limitados para se situarem no tempo e no espaço.

As práticas musicais, quando existem, em sua maioria, são usadas como maneira de distrair os alunos ou de mantê-los calados, para repor

ou preencher horário, em datas comemorativas ou em um dia isolado da semana, nas aulas de Educação Física, sem uma relação com o conhecimento, com a interdisciplinaridade e com o desenvolvimento cognitivo. Essas atividades não poderiam estar dissociadas das práticas cotidianas dos alunos, uma vez que o movimento, a expressividade, o canto, a dança, a improvisação, o brincar e a brincadeira já fazem parte do ambiente das crianças.

Práticas naturais, próprias das crianças, como as citadas acima, são vistas como algo que não precisa de acompanhamento, estudo, interpretações e cuidados na sua escolha, pois são recursos utilizados apenas com fim de recreação ou relaxamento das crianças e, nessa perspectiva, o professor deixa a criança livre, sem nenhuma atuação ou correção, exceto nos momentos em que surgem desentendimentos entre os alunos.

Segundo Loureiro (2002), a escola como espaço de construção e reconstrução do conhecimento pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de música que esteja ao alcance de todos. Caberia aos professores tentar reverter a idéia de que a música deve entrar na escola somente como pretexto para desinibir, acalmar, ou como prêmio de bom comportamento. Os professores devem ter a ousadia de tentar democratizar o acesso à arte, de se projetarem nessa tarefa de renovação, reestruturação e, ainda, apoiar as atividades pedagógicas musicais, considerando-as qualitativamente significativas.

De acordo com SUBTIL (2004), a idéia de disciplinarização do conhecimento está tão arraigada que as próprias crianças têm extrema dificuldade em admitir a música como vivência possível e necessária em sala de aula. Como área do conhecimento humano, ela precisa vestir uma capa “cultural”, “bem comportada” e “ensinar alguma coisa” para adquirir espaço dentro da escola, isto é, deve estar isenta do lúdico e das letras que se ouve na mídia.

Teplov (1977) considera que a música propõe um conhecimento emotivo do mundo, partindo do sentimento para uma forma de pensamento.

Acentua essa peculiaridade destacando o material sensorial/perceptivo que lhe dá substrato e aciona aspectos emocionais e fisiológicos desde os primeiros momentos da recepção. “A música não tem nenhum significado se não há uma reação emotiva perante ela. As crianças não a entendem como objeto estético a não ser que se dirija de modo direto e específico aos seus sentidos” (Teplov, 1977, p. 131).

Já Loureiro (2004) argumenta que o ensino de música no contexto escolar deve alargar horizontes, encontrar concepções didáticas apoia-

das no currículo do aluno, deslocando o foco de um ensino academicista e arbitrário para o equilíbrio entre o conhecimento e a práxis. Valendo-se do espírito criativo e emancipador, a música deve ensinar aos alunos a ser construtores ativos de um conhecimento crítico e transferível para outras situações e problemas, ajudando-os a interpretar o mundo em que vivem, e a atuarem sobre ele.

Torna-se necessário desenvolver nos educadores e nas crianças uma análise da natureza musical e de suas relações com a educação, pois muitas vezes os trabalhos realizados na área de música evidenciam a realização de atividades de reprodução e imitação, ao invés de atividades voltadas para a criatividade. “Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não como uma linguagem cujo conhecimento se constrói” (RCNEI, v. 3, 1998, p. 47).

Com a música, a criança está em contato com o mundo, com o ambiente, com o sentimento e com o seu corpo. Ela se deixa guiar pelo ritmo que a embala, sentindo as vibrações que entram pelo seu corpo. Na hora da música, assim como na hora da brincadeira, as crianças se relacionam umas com as outras, desenvolvendo a socialização, a expressividade e a comunicação. De acordo com Martins (2003), deve-se sempre lembrar que a música é, além da arte de combinar os sons, uma maneira de se expressar e interagir com o outro.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se comprovar, através de vários estudos, como os de Rosa (1990), Rcnei (1998), Souza (2000), Loureiro (2004), entre outros, a importância da música para o ser humano, especialmente para as crianças que estão em fase de desenvolvimento e aprendizado.

Nota-se com essas discussões o quanto o exercício musical favorece o desenvolvimento cognitivo, a atenção, a memória, a agilidade motora, criando um vínculo entre linguagem, música e movimento, propiciando as pessoas a se comunicarem e a se expressarem por meio da música, que necessita ser vista mais que como a habilidade em tocar um instrumento ou cantar, mas como um meio de avaliação pedagógica, de desenvolvimento de potenciais cognitivos e formas de expressão.

A educação musical necessita ponderar que o ensino e a aprendizagem de música não ocorrem apenas na sala de aula, mas em contextos mais amplos. Por isso, o educador deve não só discutir música na escola,

mas refletir sobre em que a educação musical pode ajudar no cotidiano dos alunos, dificuldades e interesses, buscando sempre entender a realidade em que vivem e atuam e quais suas formas de conhecer e aprender.

Para que essa forma significativa de trabalhar a música seja incorporada ao pensamento dos educadores, é preciso resgatar o ensino de música no currículo escolar e defendê-la como uma área de conhecimento séria, dotada de valor e significado, fundamentando-se em uma proposta que considere as diferenças culturais, sociais e identitárias, o respeito à individualidade e às experiências de cada aluno.

É importante não deixar a música, que ocupa pouquíssimos momentos na escola, deixar de existir, pois a vivência nesses momentos possibilita às crianças a oportunidade de observar eventos não só visuais, como a dança e a brincadeira; sonoros, como a música; mas o próprio estar com o outro, socializando, cantando, pulando, dançando, expressando-se, numa experiência mais física e sensorial, do que propriamente disciplinar.

Os resultados advindos das atividades musicais dependem da adequação das metodologias do educador, o qual, enquanto um facilitador da aprendizagem, pode fazer com que a música seja um meio enriquecedor que contribua para a experiência, aprendizagem e expressividade da criança. Importa que todos os conteúdos sejam trabalhados em situações expressivas e significativas para ela, tendo-se o cuidado fundamental de não tomá-los como fins em si mesmos. O educador precisa saber valorizar os conteúdos de forma atrativa, afinal, a música é um veículo de informação e conhecimento.

A prática musical no ambiente escolar auxilia no processo de aprendizagem estimulando e despertando a área afetiva, lingüística e cognitiva da criança. Os benefícios que a música proporciona nesta fase, seja pela expressão de emoções, sociabilidade, seja pelo raciocínio, concentração, comunicação, são valiosíssimos e são para toda a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular para Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF: 1998.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referências curriculares de Educação Nacional**, Brasília: 1998.

- CRAIDY, Carmem & KAERCHER, Gládis Elise (Org.). **Educação Infantil: prá que te quero?** Porto Alegre: Artemed, 2001.
- HENTSCHKE, L. **Novos rumos da Educação Musical no Brasil**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v. 1, n. 1, p. 30-34. jan/fev. 1995 (a).
- _____. **Um tom acima dos preconceitos**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v. 4, n.3, p. 28-35. mai./jun. 1995 (b).
- JOLY, I. Z. L. Vamos levar a música para a escola? Abordagens da Educação Musical no contexto escolar. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. (Org). **Escola inclusiva**. São Carlos: EdUFSCar, 2002, p. 225-235.
- LOUREIRO, Alicia M. A. **A Educação Musical como prática educativa no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v. 8, n. 47, p. 39-47, set/out. 2002.
- _____. **A música no currículo do ensino fundamental**. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, v.10, n. 60, p. 17-23, nov/dez. 2004.
- ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.
- RUUD, Even. **Música e saúde**. São Paulo: Summus, 1986.
- SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.
- SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. F.; FREITAS. N. E. B **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, monografia, dissertações, teses**. Uberlândia: UFU, 2004.
- SOUZA, Jusamara. **Música, cotidiano e educação**. *Porto Alegre*: Programa de Pós Graduação em Música do Instituto de Artes da URRGS, 2000.
- SUBTIL, Maria José Dozza. Mídia, Música e Escola: Reflexões sobre as práticas musicais no contexto escolar. In: ROMANOWSKI, J.P.; MARTINS, P.L.O.
- TEPLOV, R. M. Aspectos psicológicos da Educação Artística. In: **Vygotsky, Luria Leontiev. Psicologia e Pedagogia II**. Investigações sobre os problemas didáticos específicos. Lisboa: Estampa, 1997.